

UNIVERSIDADE TIRADENTES  
GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

ANA VITÓRIA PEREIRA ALVES  
GABRIELA DE OLIVEIRA SANTOS

**ORGASMO FEMININO: UMA QUESTÃO PSICOSSOCIAL**

ARACAJU/SE

2019

ANA VITÓRIA PEREIRA ALVES  
GABRIELA DE OLIVEIRA SANTOS

**TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**  
**ORGASMO FEMININO: UMA QUESTÃO PSICOSSOCIAL**

Trabalho apresentado a Universidade  
Tiradentes como requisito para a  
conclusão da graduação em Psicologia.

**ARACAJU/SE**

**2019**

## **AGRADECIMENTOS**

Agradecemos primeiramente a Deus, aos nossos pais (em especial os espermatozoides, que lutaram pela sua sobrevivência), aos nossos amigos que diretamente ou indiretamente colaboraram ao decorrer do nosso percurso. Agradecemos de forma singela uma à outra, pelo simples fato de suportar as indecisões, as opiniões e as críticas, todas foram necessárias para que esse artigo viesse a nascer.

Agradecemos ao nosso mestre, amigo, mentor, Cleberson que nos conduziu com muita paciência todas as segundas feiras, ou quando falávamos com ele para resolvermos qualquer coisa. Fomos honradas em poder trabalhar com o senhor, de sempre ouvir palavras que nos motivavam e nos faziam querer ler mais, produzir e nos empenhar cada dia um pouco mais.

# **Orgasmo Feminino: Uma questão psicossocial**

## **Female Orgasm: A Psychosocial Problem**

## **Orgasmo Femenino: una cuestión psicossocial**

Ana Vitória Pereira Alves<sup>1</sup>

Gabriela de Oliveira Santos<sup>2</sup>

Universidade Tiradentes

### **RESUMO**

O objetivo desta revisão sistemática foi investigar a relação entre variáveis psicossociais no orgasmo feminino. Realizou-se um levantamento e análise de estudos acerca do orgasmo feminino, destacando-se pelos autores como principais influentes os fatores psicológicos e sociais. Torna-se importante o estudo do tema para conscientizar, auxiliar a mulher em sua autodescoberta e uma vida sexual saudável. Neste estudo procurou-se romper tabus, elevar o potencial sexual da mulher e desmistificar o orgasmo.

**Palavras-chave:** orgasmo; sexualidade feminina; prazer; tabu.

### **ABSTRACT**

The objective of this systematic review was to investigate the relationship between psychosocial variables in female orgasm. A survey and analysis of studies about the female orgasm was carried out, highlighting by the authors as main influential the psychological and social factors. It becomes important to study the subject to raise awareness, assist the woman in her self-discovery and a healthy sex life. This study aimed to break taboos, increase the sexual potential of women and demystify the orgasm

**Keywords:** orgasm; female sexuality; pleasure; taboo.

### **RESUMEN**

---

<sup>1</sup> Graduanda em Psicologia pela Universidade Tiradentes. E-mail:

<sup>2</sup> Graduanda em Psicologia pela Universidade Tiradentes. E-mail: gabby\_oliveiras@hotmail.com

El objetivo de esta revisión sistemática fue investigar la relación entre variables psicosociales en el orgasmo femenino. Se realizó un levantamiento y análisis de estudios acerca del orgasmo femenino, destacándose por los autores como principales influyentes los factores psicológicos y sociales. Se hace importante el estudio del tema para concientizar, ayudar a la mujer en su autodescubrimiento y una vida sexual sana. En este estudio se buscó romper tabúes, elevar el potencial sexual de la mujer y desmitificar el orgasmo

**Palabras clave:** orgasmo; sexualidad femenina; placer; tabú.

## INTRODUÇÃO

Esta pesquisa trata-se de um estudo acerca do orgasmo feminino e a influência recebida por fatores psicológicos e sociais. Foram abordados aspectos do orgasmo feminino, sexualidade da mulher e os diferentes sentidos recebidos ao longo da história. Hodiernamente a conquista da mulher em papéis na sociedade antes não assumidos, levou com que a sua sexualidade também fosse explorada e o orgasmo fosse percebido como pertencente também à dinâmica sexual feminina. Para Oliveira (2018), este tema deve ser tratado de forma a propiciar o conhecimento acerca das questões que circundam em torno da sexualidade feminina, na busca por romper padrões que por muito tempo impediram as mulheres de se autoquestionar-se, estabelecendo uma conexão entre ela e o seu corpo, alimentando conceitos errôneos.

A sexualidade sempre foi um assunto que instigou a curiosidade e a busca de conhecimento durante a graduação, esse tema foi explorado em várias disciplinas, colaborando para o interesse no assunto em questão. Surgiram alguns questionamentos que foram impulsores para tal estudo, sendo estas as perguntas: a mulher possui autoconhecimento da sua sexualidade? Ela sabe a diferença entre prazer e orgasmo? Fatores psicossociais interferem no orgasmo feminino?

Como uma maneira de responder a estes questionamentos, buscou-se conhecer por meio da literatura o que diz a respeito e avaliar quais fatores são influentes no orgasmo feminino. A mulher moderna não pode deixar de lado o seu papel enquanto ser sexual, devendo conhecer e resgatar seus desejos, podendo assim lhe proporcionar uma vida

sexual satisfatória, compreendendo que a sexualidade em sua essência compõe um dos pilares da qualidade de vida que para ser entendido, precisa ser explorada.

A sexualidade feminina possui muitas vertentes e o orgasmo pode ser considerado um impulsor para satisfação da mulher em sua própria sexualidade. É possível afirmar que certos assuntos, com o passar do tempo, são vivenciados de forma diferenciada ou têm suas conotações alteradas. Outros se mantêm num mesmo padrão, apesar de aparentemente estarem sofrendo mudanças significativas (DALL'AGNOL, 2003). Este artigo tem como objetivo principal avaliar de qual maneira questões psicossociais interferem no orgasmo feminino, tendo como objetivos secundários analisar os fatores que podem influenciar de maneira benéfica e fatores que impossibilitam a mulher em atingir o orgasmo.

É de grande relevância abordar sobre o orgasmo feminino, visto que, muitas mulheres não sabem distinguir o prazer no ato sexual do orgasmo, sendo este um fato que leva ao desconhecimento da mulher em seu próprio corpo, deixando-a limitada a só sentir prazer se estiver acompanhada. Presencia-se historicamente a mulher conquistando novos espaços na sociedade, quando se trata do seu próprio avanço em aceitação e descoberta do seu corpo, esse avanço é reprimido e até mesmo ignorado pelas próprias mulheres que ainda não se descobriram como maior provedora de seu prazer. Segundo Reis (2015), os dados encontrados em sua pesquisa permitiram identificar que as mulheres ainda apresentam pensamento ingênuo e romantizado com relação à sexualidade e à sua satisfação sexual, sofrendo influência pela cultura religiosa do Brasil, que impedem uma maior consciência do que seria um desenvolvimento sexual saudável.

Percebeu-se a importância de destacar neste estudo a diferença entre o prazer e o orgasmo, sendo estes ligados entre si, mas que são em sua vivência fenômenos distintos. É possível compreender a ausência do conhecimento ou o fato da mulher não saber lidar com o seu gozo quando Lippi (2016) traz que simular o orgasmo esquecendo o próprio prazer, sacrificando-o ao outro é uma forma de frigidez, frigidez que é sempre um gozo, um gozo solitário, pois o desejo do sujeito não é confortado pelo desejo do outro, mas somente pela sua demanda (de gozar). Será abordado neste artigo sobre o orgasmo enquanto ápice do prazer, suas características, fatores que possam auxiliar na obtenção do mesmo e fatores inibidores, assim como o desconhecimento da mulher em relação a identificação do seu próprio orgasmo e no desejo da mulher em proporcionar o prazer do parceiro. Através

desta divisão de conceitos citada anteriormente, procurou-se elaborar desta forma, para uma melhor definição do assunto e compreensão sobre a o orgasmo feminino.

Tendo em vista que a questão psicossocial interfere de maneira direta na repressão da sexualidade da mulher, o conhecimento e a experimentação do orgasmo sofrem influências até os dias de hoje, fazendo com que a mulher moderna avance em suas conquistas profissionais e sociais, permanecendo regressa em seu próprio prazer, em sua sexualidade como uma totalidade e no desconhecimento do seu orgasmo. Assuntos que necessitam ser desconstruídos e explorados, pois camuflar o autoconhecimento sexual e a potência que este possui, é fazer parte da construção desse tabu que é a sexualidade, e como ela é tratada.

## **A INFLUÊNCIA DE ASPECTOS SOCIOCULTURAIS NA SEXUALIDADE FEMININA**

A sexualidade é uma forma de expressão natural do homem e possui uma dimensão a qual interagem fenômenos de prazer, emoção, afetividade e comunicação (TRINDADE e FERREIRA, 2008). De acordo com Dall'Agnol (2003), a forma como os afetos associados à sexualidade é tratada constata-se que, mesmo nos dias atuais, estes assuntos refletem emoções confusas por parte dos indivíduos, desestabilizando-os e provocando resistências.

Quando se avalia a sexualidade em seu aspecto biopsicossocial, remetem a uma questão histórica, onde o homem podia utilizar-se do seu órgão sexual para seu próprio prazer e a mulher apenas para o prazer do companheiro. Segundo Gozzo (2000), devido a algumas questões culturais o sexo era visto apenas como meio de reprodução e o prazer era considerado pecado ou moralmente condenável. A mulher não tinha autoconhecimento do seu corpo e menos ainda sobre seus desejos e sua sexualidade, sendo limitada apenas satisfazer seu cônjuge, sendo impostas ao trabalho de cuidar e esquecendo-se de serem mulheres.

Outro fator que interferiu diretamente para que a sexualidade feminina fosse um assunto velado, era a influência direta da igreja nas normas culturais e sociais, controlando o comportamento da mulher e limitando ela a submissão. Para Oliveira (2018), a igreja fomentava a ideia de a mulher ser submissa e não ter poder sobre seu corpo, as mulheres que não se encaixavam nas normas da igreja não eram para casar, com essas imposições a

igreja influenciou diretamente na sexualidade da mulher, levando a ser um assunto reprimido por várias décadas.

Segundo Trindade e Ferreira (2008) a sexualidade feminina foi por muito tempo e continua sendo objeto de interdição em vários campos, mesmo que atualmente a sociedade vive sob outros padrões de moral, ética e comportamento. Para a autora esse fato ocorre porque a construção social recebeu forte influência da sociedade ocidental europeia que, se basearam na ética e na moral do Cristianismo, que colocavam o corpo e o sexo como lugar de interditos.

A relação sexual para as mulheres durante muitos séculos era somente para a reprodução, não deixando outra função para o ato, muitas mulheres não se davam conta de quanto isso afetava a vida delas, contribuindo para que muitas se culpassem por questões que deveriam ser normais (OLIVEIRA, 2018). A mulher foi dada o título de sexo frágil e ao homem sempre foi dada honra pelo seu sexo, esse estigma que coloca a mulher como submissa ao ser superior que era o homem é extremamente machista e patriarcal (LOPES, 2016). A fusão entre igreja e estado possuíam o poder de controlar o corpo e o comportamento dos sujeitos, doutrinando uma consciência alienada, resultando na repressão do prazer (FONTES, 2007).

Para Reis (2015), mesmo nos dias atuais, as mulheres ainda apresentam pensamento inocente e idealizado com relação à sua sexualidade, provavelmente influenciado pela cultura religiosa brasileira, e que a permanência de tabus ainda impedem uma maior experiência do que seria um desenvolvimento sexual saudável, devido à preocupação com a satisfação sexual do parceiro se mostrar mais importante do que a sua própria satisfação.

A luta pelo empoderamento feminino surge quando após a revolução industrial a mulher entra no mercado de trabalho, começou a conquistar espaço público e a surgirem questionamentos acerca de seus desejos, reflexões e trocas de experiências que resultaram em transformações significativas e positivas. A partir daí a mulher passou a ter uma melhor compreensão do seu papel e surgiu um olhar mais voltado para as suas vontades e liberdade (OLIVEIRA, 2018). O movimento de luta pelos direitos da mulher foi uma enorme conquista, porém definiu uma dupla jornada com uma rotina que vem sendo prejudicial à saúde da mulher e afetando a sua sexualidade (TRINDADE, 2008).

Um precursor que demonstrou a busca pelo autoconhecimento da sexualidade feminina, foi o surgimento da pílula anticoncepcional, demonstrando que as mulheres estavam se conscientizando de que o sexo não era somente para a reprodução (DE MATO e SOIHET, 2003). Apesar dos avanços observados, o sexo ainda era um tabu para algumas mulheres, evidenciando-se a abertura da sexualidade para a mulher, mas a sexualidade feminina traz consequências do seu apanhado histórico.

## **PRAZER E ORGASMO FEMININO**

Quando se fala sobre prazer e orgasmo, surge por vezes, o questionamento: Tem diferença? Sim, pode-se afirmar que o orgasmo feminino e o prazer são sensações ligadas entre si, mas também distintas. De acordo com Pechorro (2009), prazer pode ser definido como a grande satisfação de dada pessoa quando se envolve em comportamentos e experiências sexuais, essa satisfação sexual é correspondente com os seus ideais, tendo um componente pessoal e interpessoal envolvidos. O orgasmo é o ápice do prazer, evidenciando-se por manifestações psicológicas e físicas, o orgasmo tem menos probabilidade de ocorrer durante o coito, os orgasmos coitais são tipicamente menos intensos do que os conseguidos através de masturbação (PECHORRO, 2009).

É preciso conhecer a compressão que cada um possui a respeito do orgasmo, muitas mulheres sequer sabem que existe e que elas podem sentir. De acordo com as contribuições de Tobón, Arcila e Gómes (2015), o orgasmo enquanto fenômeno sexual possui aspectos individuais que precisam ser investigados como por exemplo a concepção pessoal sobre o tema e função do mesmo, aspectos estes que possuem influência cultural e social. O orgasmo pode ser definido como pico de intensidade, processo cognitivo, descarga de tensão acumulada, trazendo consigo a importância da compreensão do mesmo enquanto aspecto físico, psíquico e também biológico.

Distinguir entre o prazer e orgasmo para muitas mulheres não é algo fácil, orgasmo é apenas um tipo de prazer, é a compreensão máxima do que se diz respeito à permissão das mulheres em sentir prazer, além do físico, existe a influência total do psicológico, aspectos que influenciam e interferem nessa busca. Um exemplo da influência psicológica no ato sexual é o modo que a mulher se sente naquele momento, como é feito o ato sexual, como o parceiro se comporta em relação a sua parceira, o relacionamento em si, aspectos emocionais. Além disso, é importante entender que no ato sexual é essencial o prazer que

se pode oferecer ao outro, mas que obter o orgasmo significa também conquistar o seu prazer, compreendendo que este não se dá apenas por aspectos físicos e sim pelo conjunto vivenciado dia após dia pelo casal. (KOBAYASHI e REIS, 2015)

### **ORGASMO COMO SATISFAÇÃO SEXUAL FEMININA**

Segundo Geddes (2015), quando pressionada ou acariciada cuidadosamente, estimulando as áreas erógenas, uma mulher pode ser transportada para tal êxtase, que por alguns segundos, o resto do mundo deixa de existir, deixando a mulher leve e satisfeita. Sendo o orgasmo essa sensação de prazer máximo, proporcionando a mulher um relaxamento muscular, psicológico, dessa forma entrando em contato com o bem-estar geral.

É relevante destacar que a sensação proporcionada pelo orgasmo tem início na região nucleus accumbens, uma região do cérebro que lida com prazer e recompensa através da liberação de um neurotransmissor chamado dopamina (GEDDES, 2015). Existem três tipos de orgasmo, sendo estes: clitoriano, vaginal e anal (é importante compreender, que para qualquer tipo, para o orgasmo ser acessado é necessário possuir o desejo e estimular a excitação da mulher, quanto mais ela estiver excitada maior será a probabilidade de chegar com mais intensidade ao ápice do prazer.). A ausência do orgasmo influencia na autoestima, na satisfação sexual e algumas mulheres têm recorrido aos cuidados médicos, com mais frequência, em busca de solução para os problemas que interferem na sua qualidade de vida, em especial aqueles relacionados com sua função sexual (LARA, 2008).

De acordo com um estudo realizado por Kobayashi e Reis (2015) concluiu que, a atividade sexual se devolve aos poucos, torna-se uma constante descoberta. Inicia-se na adolescência e é influenciada por diversos fatores como já fora citado acima: religião, situação socioeconômica e possuir um relacionamento. Além disso é evidente a preocupação das mulheres jovens em satisfazer os parceiros sexualmente é extremamente alta, dessa forma negam a própria satisfação sexual (camuflando as suas vontades por diversas vezes) para poder manter o relacionamento, mesmo que dentro deste não aja satisfação alguma para elas. Para essas mulheres a satisfação sexual é obtida através de outras formas de satisfação como: afetivo, a realização sexual do parceiro, ou a própria existência deste.

É perceptível que as mulheres em sua totalidade são seres complexos e, em especial, na questão de sua sexualidade, devido a repressão sofrida anterior ao século XX.

O estudo aponta indícios de que, as mulheres do atual século, apesar das lutas e discursos sobre independência e liberdade sexual, ainda estão em busca de um relacionamento e não apenas de satisfação sexual. Para elas, o envolvimento afetivo com o parceiro é mais importante do que o ato sexual em sua essência, para elas o orgasmo está ligado diretamente a construção e manutenção dos pilares do relacionamento. Nota-se que essas mulheres ainda estão presas aos tabus sociais em relação ao sexo e ao desejo de estabelecer um relacionamento romântico e duradouro. (KOBAYASHI e REIS,2015).

## **METODOLOGIA**

O presente trabalho foi elaborado sob a forma de revisão sistemática da literatura, com o objetivo de apresentar e discutir as principais publicações encontradas sobre o orgasmo feminino enquanto fator psicológico e social. As etapas seguidas para a elaboração da revisão foram:

### *Identificação dos trabalhos*

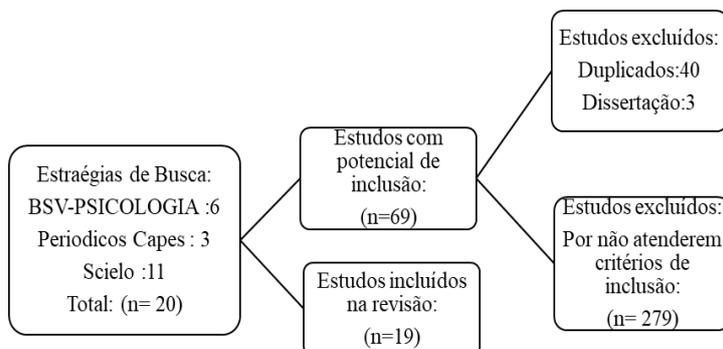
Foram identificados artigos nas plataformas eletrônicas Scielo, BSV – Psicologia, Periódicos Capes, publicados em língua português e espanhola entre janeiro de 2015 e janeiro de 2019, utilizando o descritor orgasmo e sexualidade feminina. Portanto foram utilizadas publicações envolvendo mulheres a partir dos 18 anos de idade, em diferentes perfis populacionais e escolaridade.

### *Avaliação preliminar dos estudos*

Os critérios para exclusão foram: artigos publicados anteriormente a 2015, publicações com enfoque em questões biológicas, estudos sobre a sexualidade masculina.

Foram achados 299 artigos; 4 teses; 5 livros; 279 artigos não obedeciam às normas de inclusão (70 artigos foram publicados anterior a 2015, 23 artigos relatavam sobre a sexualidade masculina, 60 artigos traziam questões biológicas, 3 dissertações, 35 artigos na língua inglesa, 50 artigos não conseguidos pela plataforma de acessibilidade, 40 artigos duplicados).

Os estudos que cumpriram os critérios de inclusão foram avaliados quanto à qualidade metodológica dentre eles 18 artigos atenderem aos critérios pré-estabelecidos. A qualidade dos artigos selecionados fora investigada através da revista em que o estudo foi publicado, utilizando-se do ISSN da revista, a avaliação foi obtida a partir do Qualis através da Plataforma Sucupira.



## ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Neste estudo foram analisados 18 artigos, destes 14 escritos em português, realizados no Brasil. Foram investigados também 6 estudos escritos em espanhol, sendo quatro produzidos na Colômbia, um na Espanha e um no Chile. Alguns aspectos que se fizeram presentes nos estudos encontrados foram categorizados como motivadores ou inibidores do orgasmo e sexualidade feminina, sendo os principais analisados: *aspectos sociais, culturais e autoconhecimento, influências do relacionamento e disfunção sexual.*

**Quadro 1 – Tabela dos artigos analisados**

Título	Ano	Autores	Revistas Científica	Qualis*	Idioma	País
Sentidos de sexualidade entre mulheres idosas: relações de gênero, ideologias mecanicistas e subversão	2018	Estephania de Lima Oliveira , André Luiz Machado das Neves e Iolete Ribeiro da Silva	Psicologia e sociedade	A2	Português	Brasil
O gozo da insatisfação na relação sexual	2016	Silvia Lippi	Agora	A2	Português	Brasil
História da sexualidade feminina no brasil: entre tabus, mitos e verdades	2018	Edicleia Lima de Oliveira, Jaqueline Martins Rezende e Josiane Peres Gonçalves	Ártemis	B3	Português	Brasil

Início da atividade sexual de mulheres jovens: questionando sua satisfação e preferências	2015	Cristiani Kobayashi e Andréia Silva Reis	Boletim de psicologia	B2	Português	Brasil
A satisfação sexual de mulheres jovens considerando dois conceitos: excitação e orgasmo	2015	Cristiani Kobayashi e Andréia Silva Reis	Semina: Ciências Sociais e Humanas	B3	Português	Brasil
Sexualidade feminina: um enigma a ser decifrado	2016	Vanessa Campos Santoro	Reverso	B2	Português	Brasil
Expressões da sexualidade feminina no transtorno de personalidade borderline .	2015	Cristina Pilla Della Mía e Fábio Riva.	Aletheia	B2	Português	Brasil
Abuso sexual na infância e suas repercussões na vida adulta.	2017	Margaret Olinda de Souza Carvalho e Lira, Vanda Palmarella Rodrigues, Adriana Diniz Rodrigues, et al.	Texto e contexto	B1	Português	Brasil
Prevalência de disfunção sexual entre pacientes acompanhadas na coorte Brasília de artrite reumatoide inicial.	2015	Thaís Ferreira Costa ,Carolina Rocha Silva,Luciana Feitosa Muniz,Licia Maria Henrique da Mota.	REVISTA BRASILEIRA DE REUMATOLOGIA	B3	Português	Brasil
Terapia Cognitivo-comportamental em grupo para a disfunção sexual pós - menopausa.	2018	Maria de Jesus Siqueira de Almeida, Clayton Peixoto, Lucy Maria da Silva , et al.	JORNAL BRASILEIRO DE PSIQUIATRIA	B1	Português	Brasil
Un réquiem al mítico punto G.	2016	Franklin J. Espitia De La Hoz	BIOCIENCIAS	B4	Espanhol	Espanha
Dispositivo EROS en el manejo de la anorgasmia femenina: Estudio prospectivo de serie de casos en mujeres del Quindío	2019	Franklin José Espitia-De la Hoz	Universidad y Salud	B3	Espanhol	Colômbia
Prevalencia y caracterización de las disfunciones sexuales en mujeres, En 12 ciudades colombianas, 2009-2016	2018	Franklin José Espitia-De la Hoz	Revista Colombiana de Obstetricia y Ginecología	B3	Espanhol	Colômbia
Função sexual feminina, desgaste emocional por insatisfação sexual e inteligência emocional	2016	Jhonatan Zimmermann Antônio, Andreia da Silva, Patrícia Pereira Bucco da Costa, Daysi Jung**	Fisioterapia Brasil	B3	Português	Brasil
Prevalencia y factores de riesgo de la disfunción sexual femenina: revisión sistemática	2016	Andrea Del Pilar Muñoz D. , Paul Anthony Camacho L.	REV CHIL OBSTET GINECO	B3	Espanhol	Chile
Revisión sistemática sobre la experiencia subjetiva del orgasmo	2018	Ana Isabel Arcos-Romero Juan Carlos Sierra	Revista Internacional de Andrología	B3	Espanhol	Espanha
Orgasmo femenino: definición y fingimento	2015	María Teresa Quintero Tobón Juan Feenando Uribe Arcila e Margarita Gómez Gómez	Revista Urología Colombiana	B2	Espanhol	Colômbia
Mindfulness e distração cognitiva como fatores associados à dificuldade com o orgasmo	2017	Sarah Ponte de Sousa	PCLI-Dissertações de Mestrado	B3	Espanhol	Colômbia

\*Extrato referente último quadriênio, em Psicologia.

### *Aspectos sociais, culturais e o autoconhecimento*

Verificou-se a partir dos dados obtidos nesta pesquisa, que em todos os estudos encontrados o fator social e cultural interfere diretamente na sexualidade da mulher. Segundo Oliveira (2018), a sexualidade feminina que durante séculos foi entendida como algo inexistente, pois a mulher não era vista enquanto a sua totalidade, apenas como um ser reprodutor. Oliveira, Neves e Silva (2018), identificam a história da sexualidade feminina como modelo de constantes transformações e conquistas, até o século XXI, a mulher que não possuía nenhum desejo sexual (ou até mesmo o reprimia) eram consideradas saudáveis, conseqüentemente o prazer não fazia parte desta.

A partir dos artigos analisados foi identificado que as mulheres possuem um histórico de repressão sexual, como consequência da repressão sofrida por séculos anteriores, sendo vista como objeto de prazer sexual masculino e criticada quando agia de maneira diferente a essa imposição. Essa característica histórica foi abordada de maneira relevante pelos autores, deixando claras as possíveis conseqüências que essas proibições causaram na sexualidade da mulher (KOBAYASHI e REIS, 2015).

A similaridade desse aspecto foi percebida em todos os artigos, os autores destacaram que a mulher em períodos remotos, não possuíam direitos e desejos referente a sua sexualidade, mas serviam para o prazer do seu companheiro tendo como principal objetivo serem reprodutoras, enquanto as mulheres identificadas como erotizadas eram as designadas para servirem como amantes para os homens. De acordo com Oliveira, Neves e Silva (2018), a história da sexualidade feminina no decorrer dos anos fundamentou-se nos padrões morais, éticos, comportamentais e religiosos, os quais orientavam a mulher viver e servir apenas para a família. A preocupação da mulher estaria focada apenas no esposo, nos filhos, nos afazeres domésticos, fora isso seu único dever era cumprir as obrigações conjugais.

Baseado no que os autores dos estudos analisados trouxeram, o papel da mulher enquanto apenas cuidadora do lar foi relatado de maneira similar, trazendo aspectos culturais e religiosos como os principais influenciadores da inibição da sexualidade da mulher. Foi percebida a ausência de informações a respeito das conseqüências que essa repressão causaria no orgasmo feminino.

Alguns dos estudos analisados ressaltaram o “sexo por obrigação”, pelo qual a mulher era obrigada a ter relações sexuais com o cônjuge, buscando sempre o satisfazer, sendo deixado de lado suas vontades, necessidades e questionamentos. Esse fato gerou nas

mulheres um tabu referente ao seu próprio corpo e seus desejos, que foram por muitos tempos considerados pecaminosos. Para Oliveira, Resende e Gonçalves (2018), caso a mulher pensasse de alguma forma no sexo como obtenção do seu próprio prazer e satisfação, era necessário que esta lembrasse nos ensinamentos e doutrinas da igreja, dessa forma construindo um link entre seus desejos e o pecado de Eva quando cedeu a suas próprias vontades, para que elas não caíssem em tentação eram orientadas a reprimir e abafar as suas vontades.

A religião e a doutrina da igreja foram trazidas pelos autores como um grande influenciador na falta de autoconhecimento do seu corpo e sexualidade da mulher, interferindo diretamente para que todos os desejos da mulher fossem considerados pecados. Neste sentido os artigos que falavam a respeito, discutiram detalhadamente e explicitamente sobre a maneira como a igreja afetou a vida sexual da mulher, impedindo na descoberta de seus desejos.

Aspectos culturais foram abordados em cinco artigos feitos no Brasil, e trazem a religião ou a influência da igreja como uma das causas principais de restrição do explorar a sexualidade da mulher. Segundo as considerações de Oliveira, Resende e Gonçalves (2018), a igreja estimulava a mulher pensar que o seu papel na sociedade era ser submissa, o direito de conhecer o seu próprio corpo não lhe era concedido, o seu corpo não poderia obedecer a suas próprias regras e sim as da igreja, pois precisavam preencher o quesito de mulheres honestas para que viessem se tornar aptas para o casamento. O que de fato chama atenção é que ao longo do tempo as mulheres não percebiam o quanto essa submissão, esse rótulo de “apenas ser reprodutor”, afetava a sua própria autoestima, por conta dessa ignorância causada pela repressão, elas culpavam-se de coisas completamente normais. Não era oferecida a oportunidade de se questionar, da busca por conhecimento, da liberdade de conhecer, investigar e usufruir do seu próprio corpo.

Foi analisado que os artigos feitos no Brasil, trazem a influência da igreja na sexualidade da mulher brasileira e sua contribuição para a repressão das mesmas. O Brasil tem em seu contexto histórico a religião cristã como predominante e a igreja Católica por muito tempo teve poder sobre a sociedade, acarretando em decisões sobre a vida dos fiéis. A mulher pensar em sexo para além do prazer do homem ou a reprodução era considerado um pecado e como na história do Brasil, a sociedade tinha uma grande devoção, a mulher deixava de lado e reprimia suas vontades sexuais. Devido a esses cinco artigos trazerem

aspectos desta influência religiosa na mulher e sua sexualidade, pode-se analisar que o contexto histórico e religioso do país, motivou a esses autores abordarem esse aspecto.

O grande marco que incluiu a entrada da mulher no mercado de trabalho e através desta conquista fizera com que a mesma ganhasse um novo papel na sociedade ocorreu durante a primeira e segunda guerra mundial, nessa época houve a necessidade de a mulher buscar o sustento do dia a dia, ganhando menos que homem, porém ganhando seu próprio espaço, este que antes era limitado às tarefas domésticas. De acordo com as informações de Oliveira (2018), na década de 60 chega à pílula anticoncepcional, fazendo com que a mulher possua a liberdade de controlar o seu corpo, por sua vez deixando de ser vista apenas como um ser reprodutor. Dessa forma a mulher compreende que se inicia o processo de autonomia e independência, o que de fato refletiu em uma grande mudança nos papéis sociais.

Toda essa mudança conquistada pela luta da mulher resultou na busca pela liberdade sexual, a mulher passou a almejar o prazer e a satisfação sexual. Por meio das pesquisas realizadas apesar da conquista pela autonomia, ainda se faz presente certo “receio” quando se trata da sexualidade feminina como busca de satisfação sem culpa, pois os aspectos sociais, religiosos e culturais continuam interferindo e predominando esta relação, provocando bloqueios para um comportamento satisfatório sem culpa ou obrigação.

A partir do estudo realizado por Baumel (2014, apud OLIVEIRA, RESENDE e GONÇALVES, 2018), compreende-se que o desejo da mulher em conhecer o seu próprio corpo e experimentar as sensações que ele pode ofertar, influencia diretamente no desejo sexual, na excitação, satisfação do outro e do seu próprio prazer. Constitui-se então a masturbação como o ato benéfico, que permite a mulher se conhecer melhor, aprender sobre seu próprio corpo, procurando não depender da aprovação dos valores tradicionais, permitindo-se a vivenciar novas experiências sexuais.

Falar sobre a sexualidade feminina, especificadamente a masturbação, submissão é extremamente polêmico, isto se deve ao fator da repressão e negação do prazer experimentado pelas mulheres, pois o seu único objetivo era proporcionar prazer e gozo a seu parceiro, conseqüentemente um ser reprodutor. De fato, as discussões acerca da curiosidade da mulher em reconhecer o seu corpo como fonte de prazer se deu a pouco tempo, porém algumas ainda mantêm cristalizados que tocar seu próprio corpo, ser sua

própria fonte de prazer é uma prática pecaminosa. Nos artigos analisados pouco se relatou sobre a masturbação feminina e sobre os benefícios de autoconhecimento que ela pode proporcionar, será esse um tema que mesmo para os estudiosos da sexualidade feminina ainda é um tabu?

### *Influência do relacionamento*

O relacionamento com o companheiro pode ser um facilitador do orgasmo feminino, no sentido que um vínculo saudável, reciprocidade emocional, afetiva e a confiança, favorecem a relação íntima, podendo proporcionar a mulher um desejo sexual maior. Segundo Dolto (1996, apud REIS 2015), fatores subjetivos para a excitação e o orgasmo feminino são: presença de parceiro, romance, dinâmica do casal e ou relacionamento, intensidade de relacionamento, comprometimento, respeito. Para o autor citado anteriormente, em sua pesquisa sobre a satisfação sexual em mulheres jovens, estímulos mentais como: toques, beijos, palavras faladas aos ouvidos e clima, foram relatados pelas participantes sendo os principais estímulos para a excitação feminina. Sendo importante o bem-estar com seu companheiro para um prazer maior no ato sexual.

Percebe-se então, que ao conhecer o seu próprio corpo, ao compreender que a satisfação vai além da penetração, que o sexo se faz presente a todo o momento dentro do relacionamento, através de aspectos que geram satisfação, compreensão, romance, comprometimento, contribuem para excitação da mulher e conseqüentemente para a obtenção do prazer sexual.

Outro aspecto benéfico da influência do relacionamento na sexualidade feminina são as expectativas provocadas pelo sexo, segundo um estudo realizado por Reis (2014, apud BORGES, 2007), a relação sexual além da função reprodutiva, possui em seu sentido aspectos ligados a satisfação, prazer e conseqüentemente o fortalecimento dos vínculos amorosos pelo qual o orgasmo torna-se o objetivo a ser alcançado por ambos. Esses objetivos são iniciados antes do coito, através das sensações experimentadas pela mulher, estímulos como: o toque, o beijo, o sexo oral ofertado pelo parceiro, (o que se denomina de preliminares), assim como estímulos mentais experimentados pelo que a mulher ouve no momento do ato sexual, a intimidade que é gerada, as palavras que surgem um efeito de fazer com que ela se sinta desejada, a proporção do que ela é capaz de oferecer ao parceiro são resultados de uma construção íntima do casal, que proporciona bem estar no momento

do sexo e faz com que a mulher sinta-se além de uma fonte que gera prazer, mas uma fonte pronta para receber essa intensidade, experimentando da melhor forma possível.

Segundo os artigos analisados verificou-se que o relacionamento pode influenciar de maneira positiva na sexualidade da mulher, pois quando esse relacionamento se encontra estável e recíproco, torna a mulher mais segura a reconhecer suas preferências e assentir prazer no ato sexual. De maneira que a sexualidade do casal foi apontada pelos autores não só no ato da penetração, mas em toda a fase de excitação e preliminares, proporcionando que através do relacionamento saudável a sexualidade da mulher possa ser explorada.

De acordo com os relatos desenvolvidos pelas mulheres jovens as respostas sexuais saudáveis obedecem a uma sequência: o desejo sexual, a excitação, a produção do orgasmo, e a resolução. Outras causas que fortalecem o relacionamento e aumentam a libido da mulher, encontram-se o modo como elas se sentem com o parceiro, a confiança estabelecida por ambos, como elas são excitadas, o preenchimento das expectativas resulta na satisfação sexual, ou seja, pode-se perceber que esta satisfação não está ligada ao orgasmo, ele não é sinônimo de satisfação e sim a soma dos aspectos que compõem o relacionamento, pois estes interferem e refletem no ato sexual (KOBAYASHI e REIS,2015).

Aspectos do relacionamento podem também interferir de maneira não satisfatória na sexualidade da mulher sendo eles: problemas no relacionamento e a falta de comunicação, que foram trazidos por alguns autores como uma das causas para um desinteresse da mulher em sua sexualidade ou em realizar o ato sexual apenas para satisfação do companheiro. Na verdade, de acordo com as informações obtidas nos artigos essa construção se deu desde o período colonial com a estimulação da liberdade sexual, a mulher era vista como um instrumento de dominação. Diversão e prazer eram aspectos experimentados apenas pelos homens.

Nos artigos analisados os autores trouxeram pesquisas realizadas com mulheres, que em sua maioria traziam a satisfação do parceiro como um fato principal no ato sexual. As mulheres ainda estão presas aos tabus sociais em relação ao sexo e ao desejo de estabelecer um relacionamento romântico e duradouro (REIS, 2015). Fatores socioculturais que mais frequentemente causam ou mantêm a disfunção sexual são problemas de

relacionamento, a disfunção sexual do parceiro, eventos de vida geradores de stress e contextos culturais ou religiosos inibidores da sexualidade (FAUBION, 2015).

Além da inserção da sexualidade como um sistema de controle, existiam também as construções sociais relacionadas a gênero (a mulher possuía um estereótipo de ser frágil, ou até mesmo que possuía obrigações para com o seu parceiro). Outra causa pautada encontra-se na idade e desgaste do relacionamento. Oliveira, Neves e Silva (2018), relatam em um dos seus estudos com mulheres idosas, que o sexo só pode ser realizado através do coito ou da penetração o que de fato interfere no relacionamento. Nesse estudo foram realizadas duas divisões, as mulheres que ainda estão cansadas de fazer sexo (estas sinalizam que por conta de doenças perderam a vontade, ou se refere ao sexo apenas como uma obrigação.), e as mulheres que ainda possuem a vontade de se relacionar, uma categoria construída na base do desejo de se permitir a sentir esse prazer.

A partir dos artigos analisados utilizados para este estudo, o relacionamento duradouro e a idade da mulher foram apontados como fatores que levam a mulher a sentir desinteresse sexual. Foi identificado poucos artigos que tratassem da sexualidade além do coito, apesar desse assunto ser tratado em um dos resultados de pesquisa de um dos artigos, não foi explorado sobre a sexualidade geral, limitando-se a abordar a sexualidade como penetração sexual.

Lippi (2016) enfatiza que de acordo com as considerações de Lacan o gozo da mulher é identificado como “*outro*”, ele explica que quando a mulher simula o orgasmo conseqüentemente assume um desejo que não lhe pertence fazendo com que ela se torne um objeto capaz de proporcionar a exigência do gozo do outro. Quando a mulher se submete a tal papel, ela se faz instrumento de uso do outro esquecendo o seu próprio gozo. É importante entender, que para muitas mulheres é sagrado ser fonte de prazer do outro, torna-se uma obrigação, ou até mesmo objeto de culpa, para não causar decepção no parceiro, para ser vista sempre como “aquela que me faz sempre o que eu quero, como quero, satisfaz as minhas vontades”.

Analisando sobre o gozo, pouco foi relatado sobre o assunto e quando abordado o autor não conseguiu exprimir uma linguagem clara e específica sobre o gozo feminino e de qual maneira ele é importante na vida da mulher. No que se refere ao gozo foi trazido o aspecto da mulher deixar de lado o seu gozo, objetivando proporcionar o gozo do homem.

Foi percebida a ausência de explicações sobre o gozo e o orgasmo feminino, semelhanças e possíveis diferenças de ambos, deixando evidente a falta de estudos a respeito deste tema.

Reis e Kobayashi (2014) trazem a compreensão de que as mulheres jovens do presente século, apesar da obtenção das conquistas, dos discursos relacionados autonomia, independência e liberdade sexual, não buscam apenas uma satisfação em um relacionamento, o que realmente se faz importante na relação, bem mais que o próprio ato sexual é o laço afetivo com o parceiro, de certa forma elas ainda estão aprisionadas aos tabus impostos pela sociedade relacionada ao sexo, pois seu foco estende-se em estabelecer um relacionamento fixo e romantizado.

### *Disfunção sexual*

A disfunção sexual foi relatada nos artigos analisados como sendo também um dos fatores que atrapalham a mulher em atingir o orgasmo, tendo como consequência se sentirem insatisfeitas em sua vida sexual. De acordo com Antônio (2016), é imprescindível avaliar função sexual feminina que está diretamente relacionada à saúde emocional da mulher, pois o interesse e a satisfação sexual estão ligados à expressividade emocional, a autoestima das mulheres, sentimentos de depressão e solidão, assim como a função cognitiva destas.

A respeito do tema disfunção sexual não houve dificuldades em encontrar estudos que abordassem o tema, ao contrário, foram achados diversos artigos que discutiam a respeito. Dentre os artigos analisados fatores emocionais foram evidenciados como um dos principais motivos para a disfunção sexual feminina, ressaltando que a expressividade emocional ou a ausência da mesma, pode vir a ser uma grande aliada ou vilã quando se refere a vida sexual e disfunção sexual.

Segundo Munõz (2016), os fatores associados a disfunção sexual feminina estão relacionados a baixa frequência nas relações sexuais, baixa escolaridade, presença de doenças, ser desempregada ou dona de casa, casamento com mais de dez anos, má comunicação do casal ou problema erétil do parceiro.

De acordo com os artigos analisados fatores do relacionamento são influenciadores na vida sexual da mulher, evidenciando mais uma vez como o prazer na sexualidade feminina está atrelado ao sexo com um companheiro, demonstrando como

muitas vezes a mulher não se permite a ter o prazer em sua sexualidade individualmente, limitando-se ao prazer no coito.

A ausência do orgasmo, sendo um dos sintomas de disfunção sexual, causa prejuízos na vida sexual da mulher, sendo o orgasmo o ápice da sexualidade humana. O orgasmo para Romero (2017) é um componente fundamental da resposta sexual.

O orgasmo pouco foi relatado nos artigos analisados, mas foi discutido como sendo um dos principais sintomas da disfunção sexual da mulher, sendo este um comportamento que evidencia o prazer da sexualidade. A ausência do orgasmo na mulher pode ser um sinal da disfunção sexual ou não, mas retrata uma limitação no auge do prazer feminino.

Segundo Castanho (2016), dentro das queixas trazidas pelos pacientes na terapia sexual, estão às disfunções, dificuldades e transtornos ligados à sexualidade. O estudo analisado apresenta uma filosofia multicausal, a qual denomina como causas que originam os transtornos sexuais, tais como: causas profundas, didáticas, adquiridas e imediatas. As causas profundas são origem de conflitos intrapsíquicos que iniciam na infância, quando os impulsos sexuais são reprimidos pelas regras morais. Esses conflitos são revividos através da experiência sexual na vida adulta, manifestando-se através de sintomas que podem gerar sentimentos de ansiedade, culpa interferindo na excitação sexual; as causas didáticas correspondem as expectativas irrealistas presentes no relacionamento, dificuldades da comunicação, e liberdade de expressão do que se espera ou não no encontro sexual; as causas adquiridas são resultantes de um processo no qual o comportamento sexual espontâneo está associado a situações negativas experimentadas por uma pessoa em sua trajetória; e por fim as causas imediatas relacionadas aos prejuízos no funcionamento no “aqui e agora” das vivências sexuais, representada através da falta de tempo para exploração do prazer, estimulação empobrecida, ambiente desconfortável, cobranças de um bom desempenho sexual, forma-se então um condicionamento das dificuldades sexuais.

Após a realização da análise foi possível identificar fatores que interferem na sexualidade feminina, satisfação sexual e conseqüentemente na constante busca pela obtenção do orgasmo. Na coleta de dados obtidas pelos artigos torna-se notável, que um dos aspectos que mais influenciam na sexualidade feminina é o empobrecimento de conhecimento acerca do seu próprio corpo, desejos reprimidos. Os paradigmas

estabelecidos na relação, em que a mulher tem o dever de satisfazer o parceiro, sendo esta compreendida como um ser dominante.

É importante entender, que de acordo com Castanho (2016), o papel sexual desencadeia papéis psicossomáticos, psicodramáticos e sociais, pois a sexualidade é definida através da dinâmica entre os aspectos biológicos, psicológicos e socioculturais. Dessa forma a sexualidade origina-se do saber físico do corpo que sente, a percepção desse corpo é conscientizada através dos sentimentos e emoções desenvolvidos por estímulos físicos que pode ser definido como um saber psíquico, em contrapartida ocorre a introjeção dos aspectos morais, sociais, que ditam quais sentimentos são adequados a partir do contexto sociocultural. Esses aspectos, assimilados podem aprisionar o indivíduo a uma rigidez do comportamento interferindo o mesmo a se permitir experimentar e explorar, de forma espontânea sua sexualidade.

Dentre os artigos utilizados para este estudo, pouco se encontrou sobre a sexualidade da mulher além do ato sexual propriamente dito. A mulher possui desejos sexuais desde cedo, o que é biologicamente normal, mas que ao desenvolverem-se fisicamente seus desejos são reprimidos pelo fato de ser mulher, fazendo com que seu próprio corpo seja um desconhecido para ela mesma.

A sexualidade da mulher é um fator de grande importância no funcionamento físico e intrapsíquico, quando a sexualidade se apresenta em dificuldades podem acarretar em problemas no relacionamento interpessoal da mesma. Segundo Oliveira (2018), a sexualidade deve ser entendida numa perspectiva ampla, não se limitando ao ato sexual ou ao coito.

Tendo em vista que este estudo teve como objetivo, investigar as causas do orgasmo feminino enquanto aos aspectos psicossociais, mediante a pesquisa sistemática é perceptível que a mulher sofreu transformações históricas consequentemente enxergando-se enquanto um ser dono do seu próprio corpo. É importante que a mulher entenda que o sexo não se limita a penetração, que vai muito além disso. Estabelecer um vínculo interno, conhecer e libertar seu próprio corpo das amarras estabelecidas por uma sociedade que impõe diversas regras é quebrar esses paradigmas e entender que a mulher enquanto ser é um sujeito completo, carrega consigo sua própria fonte de prazer.

Analisando os estudos encontrados, alguns deles trazem que para as mulheres iniciarem sua vida sexual está relacionado, na maioria das vezes, com a concretização da

relação amorosa com o parceiro (a), tendo como plano de fundo o romantismo (KOBAYASHI 2015). Evidencia-se que o relacionamento pode influenciar diretamente na sexualidade da mulher, podendo gerar prazer e como consequência o ápice sexual.

No que se refere ao relacionamento como influenciador na sexualidade da mulher, este também pode ser motivo de diminuição da libido. Para Lippi (2016), o gozo da mulher por muitas vezes é baseado em gerar a satisfação ao homem, fazendo com que a mulher esqueça seu próprio prazer, em submissão a gerar o gozo do companheiro. A mulher por vezes finge o seu gozo, aceitando assumir um desejo que não é seu, para dar prazer ao parceiro, ignorando o seu prazer e desejo, levando como consequência a insatisfação em sua vida sexual (LIPPI, 2016).

É perceptível que houve conquistas estabelecidas pelo sexo denominado “*sexo frágil*”, houve inserção da mulher no mercado de trabalho, há leis que as guardam, e há um poder no que diz respeito à liberdade sexual, houve a libertação do seu próprio corpo, a autonomia do que vestir, do que usar e o mais importante: sobre o que sentir e como sentir! Desde pequena, a mulher é ensinada a não se auto-observar, não compreender suas próprias fases, se perceber, explorar seu próprio corpo e liberar o que antes era totalmente proibido, não existia um incentivo para a mulher se apaixonar todos os dias pela imagem que ela se tornou. Entender que é necessário dizer não! Que não se pode satisfazer o outro se a sua própria satisfação não será preenchida.

A partir dos artigos analisados foi possível identificar alguns mitos sobre o orgasmo feminino, como exemplo o ponto G, que não existem respaldos científicos suficientes para a comprovação do mesmo. Para Hoz (2017), existe área possível de ser o ponto G, uma zona firme que tem aproximadamente 2 cm entre a parede anterior a vagina e a uretra, que possui várias terminações nervosas, sendo considerada uma zona erógena e quando estimulada pode levar ao orgasmo. Diante dessa afirmação, fica aqui um questionamento: Se existe fisiologicamente essa zona, porque o ponto G não tem respaldos científicos para sua comprovação? Retratando aspectos que podem ser considerados tabus do orgasmo feminino, quando se refere a enaltecer o ponto G é compreensível a posição de Hoz (2017) em desmistificar a existência do mesmo, mas tratando-se de aspectos biológicos o autor não deve negar a existência do ponto G.

O desconforto emocional que a mulher possa vir a sentir durante o ato sexual, por insatisfação da mesma, pode ser originário de uma carência afetiva ou um desejo

reprimido. A disfunção sexual na mulher foi um assunto bastante abordado nos artigos encontrados, sendo definida como sendo o impacto direto sobre a função sexual feminina, uma vez que ela inabilita a mulher de comunicar seus desejos e expectativas ao parceiro, resultando, por fim, em estresse emocional (ANTÔNIO, 2016).

Em relação ao orgasmo feminino pouco se encontrou nos artigos, e quando tratado nos estudos, não foi relatado de maneira clara as possíveis causas que levariam ao orgasmo ou até mesmo o que inibe esse orgasmo. Em alguns estudos foi identificado um desconhecimento da mulher sobre o orgasmo, algumas nunca tiveram um orgasmo ou não sabem descrever o que seria. Apesar do fato citado anteriormente no artigo de Reis (2015), as participantes do estudo, preferiram mais ter o orgasmo ao ter somente a excitação sexual. Sobre os sintomas que o orgasmo pode proporcionar nos artigos que tratavam sobre o tema, trouxeram sintomas como: tremor nos membros inferiores, arrepios, respiração ofegante, contrações musculares, prazer extremo e bem-estar.

É importante destacar que aspectos que atingem as emoções da mulher foram um dos temas mais evidenciados nos artigos analisados, os autores trouxeram em comum que aspectos emocionais interferem diretamente na sexualidade da mulher, fazendo com que quando debilitada emocionalmente a mulher não consegue se permitir a ter prazer e não chega ao orgasmo.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Tornou-se evidente que a sexualidade da mulher não se restringe ao ato sexual com penetração, mas em tudo que possa excitar e estimular o prazer da mulher, sendo esta acompanhada de um parceiro ou sozinha. A sexualidade da mulher deve ser vista em sua totalidade, considerando a subjetividade emocional e física de cada uma, levando em consideração seus desejos.

Foi perceptível através da avaliação dos estudos, que a emoção da mulher pode influenciar positivo ou negativamente, auxiliando ou inibindo a libido feminina, assim como o desconhecimento do seu próprio corpo leva a mulher a não saber e reconhecer seus desejos, limitando-se a proporcionar o prazer do parceiro e esquecendo de olhar para si mesma.

Ao que se refere ao orgasmo feminino, 18 artigos trouxeram a respeito do assunto, evidenciando o quanto a sexualidade da mulher e sua satisfação ainda precisa ser estudada

profundamente e explorada pelas próprias mulheres. É nítido perceber que muitas mulheres ainda carregam consigo parâmetros sociais enrijecidos, que não as permitem desfrutar do seu próprio corpo, visualizando nele um símbolo de liberdade e satisfação.

Mesmo com toda a conquista obtida pelo sexo feminino, espaço na sociedade, inserção no mercado de trabalho, a luta constante por igualdade, falar sobre Orgasmo é um tabu que necessita ser rompido. De acordo com os estudos analisados, estudados pode-se perceber que muitas mulheres não se permitem, ou até mesmo não conhecem, nem sentiram o ápice do prazer sexual, muitas só praticam o ato sexual por obrigação e submissão ao seu parceiro.

Por fim, torna-se necessário explorar e ampliar o tema do orgasmo feminino, para que as mulheres que se encontram cristalizadas pelas conservas culturais possam entender que sentir, conhecer e explorar seu corpo, são formas de conquistar mais da liberdade feminina. A compreensão de que uma vida sexual satisfatória é uma via de mão dupla, permite a mulher ter autonomia sobre seus desejos e suas preferências, possibilitando autoconhecimento da mulher em sua libido e no alcance do orgasmo.

## **REFERÊNCIAS**

ALMEIDA, Maria de Jesus Siqueira de et al. Terapia cognitivo-comportamental em grupo para a disfunção sexual na pós-menopausa. **J. bras. psiquiatria**, v. 67, n. 4, p. 231-238, 2018.

ANTÔNIO, Jhonatan Zimmermann et al. Função sexual feminina, desgaste emocional por insatisfação sexual e inteligência emocional. **Fisioterapia Brasil**, v. 17, n. 6, p.544-550, jan. 2017.

CASTANHO, Gisela. **Psicodrama com casais**. Editora –Ágora, São Paulo:2016.

COSTA, Thaís Ferreira e cols. Prevalência de disfunção sexual em pacientes do sexo feminino acompanhados em uma Coorte Brasília de artrite reumatóide precoce. **Rev. Bras. Reumatol** São Paulo, v. 55, n. 2, p. 123-132, abril de 2015.

DALL'AGNOL, Rosângela de Sant'Anna. A sexualidade no contexto contemporâneo: permitida ou reprimida? Vol. 4, nº.2, **PSIC - Revista de Psicologia da Vetor Editora**, 2003.

DE LA HOZ, Franklin José Espitia. Prevalencia y caracterización de las disfunciones sexuales en mujeres, en 12 ciudades colombianas, 2009-2016. **Revista Colombiana de Obstetricia y Ginecología**, v. 69, n. 1, p. 9-21, 2018.

DE LA HOZ, Franklin José Espitia. Dispositivo EROS en el manejo de la anorgasmia femenina: Estudio prospectivo de serie de casos en mujeres del Quindío. **Univ. Salud** vol.21 no.1 Pasto Jan./Apr. 2019

DE LA HOZ, Franklin José Espitia. Un réquiem al mítico punto G. Universidad Militar Nueva Granada. **Biociências**, v.12. Colômbia: 2017

DE MATOS, Maria Izilda Santos; SOIHET, Rachel. **O corpo feminino em debate**. Unesp, 2003.

GEDDES, Linda. O mistério do orgasmo feminino. **BBC**, 2015. Disponível em: <<http://www.bbc.com/future/story/20150625-the-mystery-of-the-female-orgasm>>

GOZZO, T.O.; FUSTINONI, S.M.; BARBIERI, M.; ROEHR, W.M.; FREITAS, I.A. Sexualidade feminina: compreendendo seu significado. **Rev.latino-am.enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 8, n. 3, p. 84-90, julho 2000.

KOBAYASHI, Cristiani; REIS, Andréia Silva. Início da atividade sexual de mulheres jovens: questionando sua satisfação e preferências. **Bol. psicol**, São Paulo , v. 65, n. 143, p. 123-130, jul. 2015.

KOBAYASHI, Cristiani; REIS, Andréia Silva. A satisfação sexual de mulheres jovens considerando dois conceitos: excitação e orgasmo. **Semina: Ciências Sociais e Humanas**, São Paulo, 2015.

LARA, Lúcia Alves da Silva et al. Abordagem das disfunções sexuais femininas. **Rev. Bras. Ginecol. Obstet.**, Rio de Janeiro, v. 30, n. 6, p. 312-321, June 2008.

LIPPI, Silvia. O gozo da insatisfação na relação sexual. **Ágora** (Rio J.), Rio de Janeiro, v. 19, n. 2, p. 165-174, agosto de 2016.

LIRA, Margaret Olinda de Souza Carvalho e et al. Abuso sexual na infância e suas repercussões na vida adulta. **Texto contexto - enferm.**, Florianópolis, v. 26, n. 3, e0080016, 2017.

LOPES, L. P. DA M. Os novos letramentos digitais como lugares de construção de ativismo político sobre sexualidade e gênero. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, v. 49, n. 2, p. 393-417, 25 abr. 2016.

MEA, Cristina Pilla Della; RIVA, Fabio. Expressões da sexualidade feminina no transtorno de personalidade borderline. **Aletheia**, Canoas, n. 46, p. 103-119, abr. 2015.

OLIVEIRA , Edicleia Lima de; REZENDE, Jaqueline Martins; GONÇALVES, Josiane Peres. História da sexualidade feminina no brasil: entre tabus, mitos e verdades. Vol. XXVI nº 1, **Ártemis**. Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, 2018.

OLIVEIRA, Estephania de Lima; NEVES, André Luiz Machado das; SILVA, Iolete Ribeiro da. Sentidos de sexualidade entre mulheres idosas: relações de gênero, ideologias mecanicistas e subversão. **Psicol. Soc.** Belo Horizonte, V. 30, e166019, 2018.

PECHORRO, Pedro; DINIZ, António; VIEIRA, Rui. Satisfação sexual feminina: Relação com funcionamento sexual e comportamentos sexuais. **Aná. Psicológica**, Lisboa, v. 27, n. 1, p. 99-108, mar. 2009.

SANTORO, Vanessa Campos. Sexualidade feminina: um enigma a ser decifrado. **Reverso**, Belo Horizonte, v. 38, n. 72, p. 67-72, dez. 2016.

TRINDADE, Wânia Ribeiro; FERREIRA, Márcia de Assunção. Sexualidade feminina: questões do cotidiano das mulheres. **Texto contexto - enferm.** Florianópolis, v. 17, n. 3, p. 417-426, set. 2008.

URIBE, Juan Fernando Arcila; TOBÓN, Quintero; GÓMEZ, Maria Teresa; GÓMEZ, Margarita. Orgasmo Feminino: definição e pretensão. **Colombiana revista Urology**, 2015, XXIV.